

“OS BOYS DA MINHA ÁREA”: AUTOREPRESENTAÇÃO, PERIFERIA E NEGRITUDE¹

Lucas Ney de Lima Sabino²

Emanuele de Freitas Bazílio³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN | Natal

RESUMO

Este estudo investiga a relação entre autorrepresentação, periferia e negritude por meio da análise e discussão de uma fotografia do ensaio fotográfico ‘Os boys da minha área’, inspirado no álbum do rapper Djonga, intitulado ‘Histórias da minha área’. Revela-se através de uma discussão teórico-analítica que a fotografia é uma ferramenta de autorrepresentação da vida nas periferias, sendo fundamental na construção de imagens positivas e na valorização do cotidiano da negritude periférica através da construção de uma nova visualidade de pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; periferia; negritude; autorrepresentação; visualidade.

INTRODUÇÃO

Para iniciar este resumo expandido é importante entender o uso da palavra ‘boys’ no título. No Rio Grande do Norte, o termo em inglês é utilizado na linguagem popular dos potiguares como um substantivo comum aos dois gêneros, tanto homens quanto mulheres. De acordo com matéria do site Apartamento 702⁴, a utilização da palavra ‘boy’ na capital do Estado, tem início durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando as tropas americanas utilizaram Natal como base estratégica para a guerra. Influenciados pelo idioma estrangeiro, os natalenses passaram a utilizar algumas palavras em seus vocabulários e essa foi uma delas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Graduando em Comunicação Social - Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Professora substituta do Departamento de Comunicação Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda em Estudos da Mídia pelo PPGEM/UFRN. Email: emanuele.bazilio@ufrn.br

⁴ Disponível em:

<https://apartamento702.com.br/como-explicar-expressao-boe-para-os-seus-amigos-nao-natalenses/>. Acesso em 20 mar. 2024.

A ideia geral do ensaio fotográfico sobre o qual discutiremos, intitulado ‘Os boys da minha área’⁵, é inspirada no álbum “Histórias da minha área” do rapper mineiro Djonga, lançado em 2018. Nele, o rapper aborda questões sociais, políticas e culturais relacionadas à vida nas periferias urbanas, focando na dinâmica das periferias brasileiras e na falta do suporte do Estado que acaba levando jovens negros e periféricos para caminhos alternativos na busca por sobrevivência, especialmente em Belo Horizonte, onde Djonga cresceu. Motivado pelas representações visuais que acompanham o álbum, surgiu o ensaio fotográfico “Os boys da minha área” o qual se apresenta como um autorretrato de um grupo de amigos, moradores do bairro Lagoa Azul, periferia da zona norte de Natal/RN, onde os jovens cresceram.

O conceito de periferia não está relacionado apenas a uma dimensão de território, geográfica ou social, há também uma dimensão simbólica que envolve a construção de representações, visualidades, imaginários e discursos. Nesses territórios periféricos, compreendemos que são construídas representações sociais que moldam a forma como esses espaços são representados na esfera pública, tanto pela sociedade quanto pela mídia (Zanetti, 2008). Por isso, numa tentativa de propor novas visualidades e imaginários sobre si, as comunidades periféricas utilizam a fotografia, assim como o audiovisual, como forma de autorrepresentação, uma prática que tem se revelado significativa na contestação de narrativas dominantes, além de criar outros processos de mediação através de produtos midiáticos que falam sobre a periferia e são produzidos pelos próprios moradores dessas regiões (Bentes, 2012; Zanetti, 2008).

Este estudo também tem um recorte racial, já que segundo pesquisa conduzida pelo Instituto Locomotiva, Data Favela e a Central Única das Favelas (CUFA), a população negra representa 67% dos moradores dessas áreas⁶. Assim, percebemos a presença predominante de pessoas negras nas fotografias do Álbum do Djonga e no ensaio "Os boys da minha área", objeto de estudo deste resumo. O que reflete a realidade demográfica das periferias urbanas, conforme indicam dados recentes. Nesse sentido, pretendemos refletir sobre essas imagens e propor uma ligação e, ao mesmo tempo, enxergar as diferenças entre elas.

⁵Ensaio completo disponível no link: [os boys da minha área](#)

⁶O resultado da pesquisa está disponível em: <https://agenciabrasil>. Acesso em 12 mar. 2023.

A AUTORREPRESENTAÇÃO DA PERIFERIA ATRAVÉS DAS IMAGENS

Dentro do contexto periférico, criam-se “práticas de cultura, estéticas e redes de sociabilidade e políticas forjadas dentro dos guetos, mas conectadas aos fluxos globais (...) até a mídia já consegue enxergar esse novo contexto” (Bentes, 2012, p. 55). Nesse sentido, a periferia surge como uma categoria midiática (Zanetti, 2008), em que os moradores propõem uma nova visualidade a respeito de suas comunidades, costumes e vivências. Assim, como previu Ivana Bentes em seus estudos há mais de uma década atrás, estamos vivemos um momento de *boom* de constituição de representações sociais de si mesmo e das comunidades periférica, fazendo com que a representação de suas visualidades passem “da fragilidade à potência” (D’Andrea, 2020, p. 31).

A obra do rapper Djonga, por exemplo, serve como um reflexo da realidade das periferias brasileiras, oferecendo uma narrativa sobre as experiências vividas por aqueles que habitam esses espaços marginalizados. Suas letras exploram temas como violência policial, consciência de classe e resiliência, oferecendo uma crítica à desigualdade social e à marginalização enfrentadas pelos moradores das periferias. Ao analisarmos a obra de Djonga, é possível identificar uma conexão entre sua arte e sua própria trajetória pessoal. Nascido e criado em uma comunidade periférica, o rapper enfrentou desafios significativos ao longo de sua vida, incluindo a falta de recursos e oportunidades limitadas. No entanto, através de sua dedicação à música e sua habilidade de contar histórias envolventes, Djonga se tornou um exemplo vivo de superação e mobilidade social, inspirando inúmeros jovens das periferias a perseguirem seus sonhos.

Figura 1 - Capa do álbum de músicas ‘Histórias da Minha Área’



Fonte: Gravadora Ceia Entertainment

A imagem acima (Figura 1), capa do álbum ‘Histórias da minha área’ foi a inspiração para construção do ensaio fotográfico "Os Boys da Minha Área", o qual surge com a intenção de uma auto-representação genuína e reflexiva das vivências e identidade das pessoas periféricas. A capa surge de uma ideia do Djonga, com a finalidade de problematizar a visualidade periférica construída sobre os corpos de quem reside nessas regiões. Na imagem, ele aparece junto aos corpos de seus amigos baleados, jovens negros, e expõe sua preocupação com a morte desses indivíduos nas periferias.

Paladini (2019), afirma que a imagem fotográfica é uma possibilidade de revelar o já visto e ouvir o já dito, é uma ponte que liga dois mundos, o real – da cena – e o imaginário – construído a partir da reprodução da cena. Dessa forma, as fotografias tornam-se “um instrumento de reflexão acerca da representação de determinados conceitos, como território, cotidiano” (Paladini, 2019, p. 69), dessa maneira, a imagem do álbum do Djonga reflete sobre a representação da realidade das periferias brasileiras, enquanto território de disputas sociais e simbólicas.

Já o ensaio ‘Os boys da minha área’ surge de um esforço de representar e contrapor a esse estigma uma outra realidade visual sobre a periferia e os corpos que nela existem. Por isso, a fotografia escolhida (Figura 2), que integra o ensaio, para este estudo reflete uma noite cotidiana, em que amigos conversam na calçada de uma casa em uma rua do bairro periférico em que nasceram e cresceram, na Zona Norte de Natal,

Rio Grande do Norte. Dessa forma, essa imagem nasce de uma tentativa de usar a fotografia como arma de intervenção social (Paladini, 2019).

Figura 2 - Foto do ensaio ‘Os boys da minha área’



Fonte: Fotos produzidas por Lucas Sabino

Além dessa fotografia, foram feitas outras imagens, que compõem o ensaio ‘Os boys da minha área’. A estética das imagens está baseada na mesma construção visual da capa do álbum do rapper, mas seu diferencial está na proposição de novos significados, revelando uma proposta de autorrepresentação imagética positiva sobre os corpos negros e periféricos. Como defende Rodrigues (2020), essa busca por uma imagem positiva, reflete um emergente movimento estético-político de reação às representações que são feitas pela mídia em relação a esses indivíduos. Dessa forma, de populações representadas pelo olhar do outro, a negritude periférica passa a ser dona de uma narrativa de autorrepresentação. Com isso, as imagens produzidas e apresentadas neste resumo são frutos de uma prática fotográfica de autorrepresentação, que gera pertencimento e identificação com a vivência da população negra nas periferias brasileiras.

CONSIDERAÇÕES

Entendemos, em consonância ao exposto neste estudo, que a imagem tem um papel fundamental como meio de empoderamento, resistência e autorrepresentação para os moradores das periferias brasileiras. O que o ensaio fotográfico "Os Boys da Minha Área" propõe, a partir de uma estética periférica, é apresentar uma narrativa visual que

expõe às vivências e identidades dos jovens negros das comunidades. Inspirado na arte musical de Djonga e na capa de seu álbum, tanto as imagens quanto as discussões deste estudo visam tornar visíveis as experiências cotidianas desses jovens, desafiando uma narrativa midiática hegemônica a qual estigmatiza e estereotipa esses indivíduos.

Com isso, reforçamos a máxima de que é preciso estarmos atentos às formas de representações e as estratégias discursivas envolvidas nos jogos de visualidades e pertencimentos das periferias (Zanetti, 2008). Tanto no álbum 'Histórias da minha área' quanto no ensaio fotográfico 'Os boys da minha área', podemos observar essa dinâmica em ação, uma disputa de representações visuais. Enquanto o primeiro denuncia uma realidade de violência que é vivida nas periferias, o segundo retrata o cotidiano comum compartilhado por esses jovens periféricos, de conversas e vivências individuais e coletivas. Conforme discutido neste estudo, percebemos que através da construção de imagens fotográficas é possível refletir realidades, identidades e representações a partir da reivindicação de poder narrar suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, J. A. S. Rap a cultura da resistência pela vivência e poesia - um ensaio sobre o álbum “Histórias da minha área” do rapper Djonga. **Revista da ABPN**, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1105/1188>. Acesso em: 02 mar. 2024.
- BENTES, Ivana. Redes Colaborativas e Precariado Produtivo. **Periferia**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/3418>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- PALADINI, P. A. Entre o pensar e o fazer: narrativas através das fotografias de quem vive a periferia. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i5.1598. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1598>. Acesso em: 08 mar. 2024.
- RODRIGUES, Anthony. **O “novo” olhar opositor da/o artista negro/o**: indo além das crises de representação e discursividade. Horizontes ao Sul, 2020. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/02/11/onovo-olhar-opositor-dao-artista-negrao-indo-alm-das-crises-de-representaco-e-discursivid> . Acesso em 28 fev. 2024.
- ZANETTI, Daniela. **Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.11, n.2, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/218/272> . Acesso em 20 mar. 2024.